

O “HOMEM” COMO INDIVÍDUO E INTEGRADO “EM FAMÍLIA”

“A família, que nasce da íntima comunhão de vida e de amor, fundada no casamento entre um homem e uma mulher, é uma instituição divina, protótipo de todo o ordenamento social. É neste berço de vida e de amor que o homem nasce e cresce. É na família que a criança desenvolve as suas potencialidades, tornando-se consciente da sua dignidade e se prepara para enfrentar o seu único e irrepetível destino”. (Pastoral Familiar).

A Família é uma escola de humanidade que é preciso construir, desenvolvendo-lhe a sua imagem autêntica, como comunidade de pessoas unidas pelos laços de sangue onde, à luz da mensagem evangélica, os seus componentes de todas as idades convivam juntos, no respeito dos direitos de todos, partilhando as suas alegrias e tristezas.

Vivemos num mundo em que forças poderosas, sistematicamente, vêm destruindo a família nos seus valores essenciais, entre os quais sobressai o matrimónio como alicerce da família e o direito à vida.

A organização da sociedade é um reflexo do modo como as famílias funcionam.

A família, socialmente, é um bem essencial como comunidade de amor, como um espaço de verdade e de liberdade.

Os poderes públicos têm o direito e o dever de intervir, empenhadamente, na realização do bem comum das famílias, na defesa do direito das pessoas terem os meios indispensáveis para uma vida condigna, quer sejam a educação, os cuidados de saúde, o trabalho, uma habitação confortável, ou seja, um nível de vida de melhor e maior qualidade.

A família constitui o fundamento do nosso projecto de felicidade.

Da “Evangelificação do mundo contemporâneo”, de Paulo VI (Nº. 29), retiro duas interpretações que se levantam com maior urgência à Doutrina Social da Igreja, na perspectiva da vida pessoal, da vida comunitária e da vida social.

- Sobre os direitos e deveres de toda a pessoa humana, a mensagem explicita-os, a partir de uma vida familiar saudável; respeitar e procurar a subjectividade do indivíduo; valorização humana do trabalho; aumenta a consciência da eminente dignidade de pessoa humana, por ser superior a todas as coisas e os seus direitos e deveres serem universais e invioláveis (GS 26).

- Sobre a vida em comum na sociedade, respeitar e promover a subjectividade da sociedade; construir a democracia fundada sobre o reconhecimento dos direitos do homem e sobre valores que orientem a acção política.

“Os cristãos devem desempenhar as suas tarefas temporais com fidelidade e competência; devem operar como fermento no mundo, na vida familiar, profissional, social, cultural e política (JM 39).

João Paulo II estabelece na “*Redemptora Hominis*” (nº. 17) os seguintes princípios:

- Os direitos humanos devem ser o princípio que impulsiona e orienta o esforço da humanidade em favor do bem do homem.
- Os direitos humanos, como factor fundamental do bem comum, devem ser critério que inspira a concepção e o desenvolvimento dos programas e o fundamento em que assentem todos os sistemas e regimes.
- O Estado, como comunidade política, deve possibilitar que, no exercício do poder, se dê uma participação moral da sociedade ou do povo e não uma imposição do poder na vida pública. O bem comum, portanto, só se realiza plenamente quando todos os cidadãos estão seguros dos seus direitos.
- O respeito pelos direitos humanos é um dos aspectos mais importantes da justiça social e torna-se critério de verificação fundamental na vida dos organismos políticos.


Face à situação económica e social vigente, refiro algumas exigências de uma nova solidariedade:

- Solidariedade dos pobres entre si.

Quem não for pobre, de algum modo, não pode entrar em diálogo com os pobres.

O espírito de pobreza é, primeiro que tudo, um espírito de partilha. A vontade de não reter riquezas, sem o bom uso delas, isto é, colocá-las ao serviço do bem comum.

- Nenhum povo tem o direito de reservar as suas riquezas para seu uso exclusivo, devendo contribuir para o desenvolvimento solidário da humanidade. Deve considerar-se normal que um país evoluído dedique uma parte da sua produção para socorrer as necessidades dos países subdesenvolvidos ou em crise económica.
- Que as pessoas trabalhem em conjunto, de mãos dadas, para melhoria das condições sociais, utilizando para isso o direito de associação que lhe é conferido, para o bem geral da Sociedade.

Baseei este texto na Doutrina Social da Igreja e creio que se aplica bem à situação política e social que estamos a viver. 

A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA NA UNIDADE DA HISTÓRIA DE DEUS

Ao Venerado Irmão Senhor Cardeal
WILLIAM J. LEVADA, Presidente
da Pontifícia Comissão Bíblica

É com prazer que lhe transmito, bem como ao Secretário e a todos os Membros da Pontifícia Comissão Bíblica, a minha cordial saudação por ocasião da anual Assembleia Plenária. Esta Comissão reuniu-se pela terceira vez, ocupando-se do tema que lhe foi confiado: «Inspiração e Verdade da Bíblia».

Esta temática constitui um dos pontos principais da minha Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*, que o aborda na parte inicial (cf. n. 19). «Um conceito chave – escrevi neste Documento – para receber o texto sagrado como Palavra de Deus em palavras humanas é, sem dúvida, o da *inspiração*» (*Ibidem*). Precisamente a inspiração, como actividade de Deus, faz com que nas palavras humanas se manifeste a Palavra de Deus. Por conseguinte, o tema da inspiração é «decisivo para uma adequada abordagem das Escrituras e para a sua correcta hermenêutica» (*Ibidem*). Com efeito, uma interpretação dos Escritos sagrados que descuida ou esquece a sua inspiração não tem em consideração a sua característica mais importante e preciosa, a sua proveniência de Deus.



Tal interpretação não acede e não faz aceder à Palavra de Deus com palavras humanas e, por conseguinte, perde o tesouro inestimável que a Sagrada Escritura contém para nós. Este género de abordagem ocupa-se de palavras meramente humanas, embora possam ser, de modo diferenciado segundo os diversos escritos, palavras de uma profundidade e beleza extraordinárias. No debate sobre a inspiração, trata-se da natureza íntima e do significado decisivo e distintivo da Sagrada Escritura, ou seja, precisamente da sua qualidade como Palavra de Deus.

Além disso, nessa mesma Exortação apostólica eu recordava que «os Padres sinodais puseram em evidência como ao tema da inspiração está ligado também o tema da verdade das Escrituras. Por isso, um aprofundamento da dinâmica da inspiração levará, sem dúvida, também a uma maior compreensão da ver-





dade contida nos livros sagrados» (*Ibidem*). Em conformidade com a Constituição conciliar *Dei Verbum*, Deus dirige-nos a sua palavra para «se revelar a si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cf. Ef 1, 9)» (n. 2). Mediante a sua Palavra, Deus quer comunicar-nos toda a verdade sobre si mesmo e sobre o seu desígnio de salvação para a humanidade. Por conseguinte, o compromisso de descobrir cada vez mais a verdade dos Livros sagrados equivale a procurar conhecer sempre melhor Deus e o mistério da sua vontade salvífica.

«A reflexão teológica sempre considerou inspiração e verdade como dois conceitos chave para uma hermenêutica eclesial das Sagradas Escrituras. No entanto, deve-se reconhecer a necessidade hodierna de um aprofundamento adequado destas realidades, para se responder melhor às exigências relativas à interpretação dos textos sagrados, segundo a sua natureza» (*Verbum Domini*, 19). Ao abordar o tema «Inspiração e Verdade da Bíblia», a Pontifícia Comissão Bíblica é chamada a oferecer a sua contribuição específica e qualificada para este aprofundamento necessário. Com

efeito, para a vida e a missão da Igreja é essencial e fundamental que os textos sagrados sejam interpretados segundo a sua natureza: a Inspiração e a Verdade são características constitutivas desta mesma natureza. Por isso, o vosso compromisso terá uma verdadeira utilidade para a vida e a missão da Igreja.

Enfim, só gostaria de mencionar que numa boa hermenêutica não é possível aplicar de modo mecânico o critério da inspiração ou da verdade absoluta, tirando, uma simples frase ou expressão. O plano em que é possível compreender a Sagrada Escritura como Palavra de Deus é o da unidade da história de Deus, numa totalidade em que os elementos individuais se iluminam reciprocamente e se abrem à compreensão.

Enquanto formulo a cada um de vós os votos de uma fecunda continuação dos vossos trabalhos, enfim gostaria de manifestar o meu profundo apreço pela actividade desempenhada pela Pontifícia Comissão Bíblica para promover o conhecimento, o estudo e o acolhimento da Palavra de Deus no mundo. Com estes sentimentos, confio cada um de vós à salvaguarda materna da Virgem Maria que, juntamente com toda a Igreja, invocamos como *Sedes Sapientiae* e é de coração que lhe concedo, Venerado Irmão, bem como a todos os Membros da Pontifícia Comissão Bíblica, uma especial Bênção Apostólica. ☺

Vaticano, 2 de Maio de 2011

Benedictus PP XVI

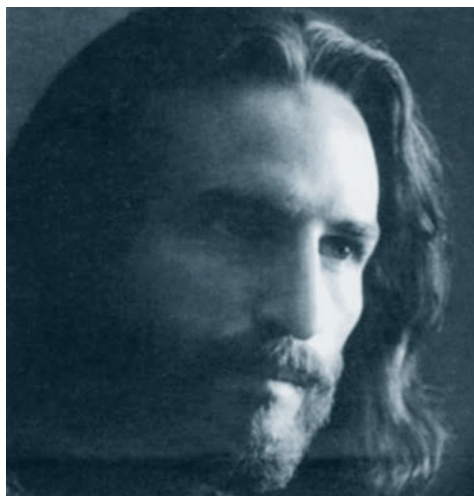
QUE CONVERSAIS ENTRE VÓS ENQUANTO CAMINHAIS?

Naquele mesmo dia dois homens caminham desolados e tristes, desiludidos pelos acontecimentos sucedidos nos últimos dias na capital. Caminham para longe de Jerusalém, fogem das suas memórias de discípulos para se esconderem da vergonha na ignota aldeia de Emaús. Conversavam entre si sobre tudo o que tinha acontecido, como se quisessem consolar-se mutuamente pelo desgosto que lhes enlutava o coração. Quantas vezes também nós, tal como os dois discípulos, dizemos: «Esperávamos ... mas perdemos a esperança»; e como eles, fugimos desiludidos, de olhar fixo no chão, refugiando-nos no nosso mundo cada vez mais pequenino? Mas eis que o próprio Jesus se aproximou e se pôs a caminho com eles. Percebendo em suas palavras e semblante a tristeza e desânimo que lhes iam no coração e os empurrava para fugir à vida, Jesus aproximou-se deles e perguntou: “Sobre que conversais vós enquanto caminhais?” Sabemos o que eles responderam: Nós esperávamos ... mas parece que tudo se desmoronou.

Aquela pergunta de Jesus Ressuscitado continua a ser feita a cada um de nós que estamos realmente representados na pessoa destes dois



discípulos que caminham entristecidos fugindo do lado menos glorioso da vida. As suas esperanças e desilusões são as de todos nós: Como eles, nós esperávamos que a fé nos livrasse das dúvidas, que o amor nos dispensasse o sofrimento, que o trabalho nos salvasse da crise, que um Messias ou um Dom Sebastião nos venha salvar. Mas a vida é Páscoa e a Páscoa é sempre paixão, morte e Ressurreição. Todavia, só o será se não fugirmos à Vida, se não desistirmos de acreditar, se deixarmos que Ele, o Senhor da vida, se aproxime de nós e se ponha a caminho connosco. Faz, por isso, todo o sentido perguntarmos também nós: que conversamos enquanto caminhamos nas vias da nossa vida? Sobre o passado que não podemos mudar ou sobre o futuro que se enfrenta no presente?



Sobre a crise e os sinais de morte no mundo ou sobre a esperança que renasce sempre da fé? Sobre os calvários que proliferam pelo mundo fora, ou sobre os que carregam as cruzes dos outros? Sobre os túmulos e epitáfios ou acerca do sepulcro vazio onde a Vida que nos espera não pode residir? Porque insistimos em adiar os elogios e poupar as flores para o dia do funeral, enquanto o Deus da vida (e não dos mortos) continua a fazer florir lírios e rosas para nos presentearmos uns aos outros enquanto estamos vivos?

De que coisas falamos durante o caminho? Conversas que nos animam ou assuntos que nos deprimem? Porque é que as más notícias correm sempre mais depressa e é mais fácil dizer mal que bendizer? Porque preferimos falar das catástrofes que matam inocentes, esquecendo os que arriscam ou dão a vida para salvar mesmo os culpados? Porque damos notícia dos que oprimem e matam para manter o

poder, e não damos a voz aos que dão a vida para conquistar a liberdade e restituir a dignidade ao seu povo? Porque é que falam mais alto as armas mortíferas, quando há tantos homens e mulheres que silenciosamente são instrumentos de paz? Porque preferimos dizer que “a morte é certa”, em vez de proclamarmos que a Vida é que é certa? Que distingue as nossas conversas das dos que não têm fé? Se acreditamos em Cristo vivo e Ressuscitado, não podemos fugir da vida nem maldizer todo o tempo o que se está a passar no mundo, quando este anseia por palavras de esperança e de fé. As “perdas” e a “morte” fazem parte da vida, mas a Páscoa ensina-nos que a vida vencerá.

Diz o Evangelho que os discípulos de Emaús, depois de reconhecer o Ressuscitado, voltaram imediatamente para Jerusalém para dizer aos seus irmãos: “Realmente o Senhor Ressuscitou”. Se esta é a grande notícia que temos para dar, urge que voltemos à cidade dos homens onde moram os nossos irmãos para lhes dizer que a vida vence sempre e há, por isso, todas as razões para ter esperança, mesmo depois dos aparentes fracassos que se repetem em Jerusalém e em todas as cidades e sociedades do mundo. Ele ressuscitou verdadeiramente e caminha connosco, mesmo quando todas as promessas parecem frustradas. Basta que continuemos a pedir-lhe: fica connosco, Senhor, porque se faz noite! ☪

In “Casa do Bom Samaritano”

PEREGRINAÇÃO VICENTINA

FÁTIMA, 16-ABRIL-2011

“Santíssima Trindade, adoro-Vos profundamente”

«Jesus respondeu-lhe: “O primeiro de todos os mandamentos é este: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor, e amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, com toda a alma, com toda a mente e com todas as forças. O segundo é este: Amarás o próximo como a ti mesmo. Não há mandamento maior do que estes”» (Mt 22, 37-40, Mc 12, 29-31)

A coisa mais importante, a razão da nossa vida, é amar a Deus de todo o coração, com toda a alma, com toda a mente e com todas as forças. A segunda é amar o próximo como a si mesmo. Este é o resumo fundamental da nossa fé, a razão suprema da nossa vida.

I – O PECADO DO NOSSO TEMPO

Os últimos cinco séculos deste nosso tempo foram assolados, não tanto pela recusa destes mandamentos, mas pela incapacidade de juntar os dois mandamentos.

1- Esquecer de amar o próximo

No princípio do século XVI, Lutero e os outros reformadores condenaram a Igreja por trocar o amor ao próximo por devoções e superstições. A questão que os motivava era o amor de Deus. Eles criticaram o luxo (a basílica de S. Pedro, o uso de dinheiros, os bispos e padres que não ligavam aos



fiéis ou ao culto) e o pecado da Igreja (carreirismo, falta de fé, uso da Igreja para subir na sociedade). Assim, por causa de questões que tinham a ver com amar a Deus, os cristãos deixaram de amar o próximo. Por causa disto a Europa ficou ensanguentada durante 200 anos nas guerras religiosas. A Igreja acabou por reformar-se no grande concílio de Trento (1545-1563), que mudou totalmente a situação. Uma das respostas principais da Igreja do concílio esteve precisamente na figura de S. Vicente de Paulo que em 1625 fez a fundação dos padres Lazaristas e Irmãs da Caridade com S. Luísa de Marillac.

Nessa altura a Europa ainda era exclusivamente cristã, e a luta foi entre cristãos. Todos amavam a Deus sobre

todas as coisas, mas acusavam-se mutuamente de O amarem mal e sobretudo acabavam por não amarem o próximo como a si mesmos. Foi precisamente essa luta que afastou muita gente da religião.

Ao longo do século XVIII e XIX cresceu uma crença ateia, ou simplesmente agnóstica, mas essencialmente anti-cristã. A acusação que fazia era sempre a mesma: a religião queria dizer guerras, fogueiras, inquisições. Ou seja, a acusação era que nós não amávamos os irmãos e eles, por causa disso, deixavam de amar a Deus. Essas coisas de que nos acusavam não são nada típicas dos cristãos; mas foram correntes nos períodos terríveis das guerras religiosas.

Hoje na Europa os cristãos continuam majoritários. Mas, culturalmente, os agnósticos e ateus dominam. O resultado disto foi uma nova vaga de perseguições, desta vez de regimes ateus ou pagãos e maçônicos contra a Igreja. A Revolução Francesa foi a primeira e definiu os termos em que se desenrolaram muitos outros episódios. Várias leis de separação surgiram: em França em 1905, Portugal 1911, México 1917, URSS 1918, e impuseram a posição laicista extrema das forças ateias e maçônicas que afirma que o Estado tem uma religião ateia e assume automaticamente que a religião não existe.

Na vasta resposta que a Igreja deu a isto, e que teve muitas formas e mártires, destaca-se a figura do beato Antoine Frédéric Ozanam (1813-1853) que, em 1833, criou as Conferências de S. Vicente de Paulo.

2- Esquecer de amar a Deus

Este longo e terrível período, de Lutero a Lenine teve, ao menos, uma gran-

de vantagem: ensinou-nos a amar o próximo como a nós mesmos. Depois das guerras religiosas, das perseguições religiosas, toda a gente, cristãos ou não, na nossa sociedade sabe que deve respeitar outros, ajudar o próximo, assegurar os direitos humanos. É verdade que continuamos a ver guerras, abusos, explorações. Mas, ao menos, a filosofia da sociedade é pela liberdade, igualdade, identidade, afirmação pessoal.

O nosso problema, ao contrário dos nossos avós, não é deixar de amar o próximo. O nosso problema é muito mais grave. É que deixámos de amar a Deus.

Hoje, mesmo entre cristãos, é costume avaliar a fé de alguém pela forma como ama o próximo, luta pela justiça social, defende os direitos humanos. Claro que poucos dizem que não se deve amar a Deus. Mesmo os ateus militantes (se não forem extremistas, que ainda há) tendem a tolerar que se ame a Deus privadamente.

Mas é evidente na cultura que, desde que se ame os irmãos, o resto é secundário. Uma pessoa muito devota é vista como supersticiosa. Parece evidente que se alguém dissesse hoje numa igreja que é preciso amar a Deus «de todo o coração, com toda a alma, com toda a mente e com todas as forças», seria visto como exagerado, senão mesmo desequilibrado e doente.

Mas esse continua a ser o nosso primeiro mandamento. Foi por isso que, quando o Céu nos quis visitar, aqui ao pé, o Anjo prostrado diante da hóstia e cálice suspensos no ar, disse: «Sanctíssima Trindade, adoro-vos profundamente». Esse é mesmo o problema principal do nosso tempo.

II – ADORO-VOS PROFUNDAMENTE

Adorar a Santíssima Trindade. Amar a Deus de todo o coração, com toda a alma, com toda a mente e com todas as forças é o que devemos fazer. Porquê?

1- Deus é grande

A primeira razão é porque, como dizem os muçulmanos, «Alá é grande». Deus é o ser. É a própria existência. Ele não só fez o mundo e tudo o que existe, mas Ele é a sua própria existência. Ele é aquele que é. Esse é o nome de Deus, o *Tetragrama Sagrado*, a palavra que não se devia pronunciar: Yahvé, aquele que é (transcrito como YHWH). Ele provem de quando Deus se apresenta a Moisés no episódio da sarça-ardente.

«Moisés disse a Deus: “Eis que eu vou ter com os filhos de Israel e lhes digo: ‘O Deus dos vossos pais enviou-me a vós’. Eles dir-me-ão: ‘Qual é o nome dele?’ Que lhes direi eu?” Deus disse a Moisés: “Eu sou aquele que é.” Ele disse: “Assim dirás aos filhos de Israel: ‘Eu sou’ enviou-me a vós!”

Deus disse ainda a Moisés: “Assim dirás aos filhos de Israel: ‘O Se-

nhor, Deus dos vossos pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob, enviou-me a vós: este é o meu nome para sempre, o meu memorial de geração em geração’.”» (Ex 3, 13-15)

Deus é o próprio ser, subsistente. Isso significa que Deus é o Uno. Deus é a Verdade, Deus é o Bem (estas são as propriedades do ser, os transcendentais), Deus é a beleza. Diz S. Tomás de Aquino: «Em Deus a potência e a essência, a vontade e a inteligência, a sabedoria e a justiça são uma e a mesma coisa» (*Suma Teológica* I, 25, 5).

Deus é a suprema perfeição, o criador de todas as perfeições. Tudo o que existe é porque Deus é. Ele tem em si a perfeição de todas as coisas. «Na medida em que uma coisa possui o ser, é necessário que Deus lhe esteja presente, e isto segundo a maneira com que ela possui o ser. Ora o ser de cada coisa é aquilo que ela tem mais íntimo e que penetra no mais profundo (...) Assim deve dizer-se que Deus está em todas as coisas, no seu íntimo» (*Suma Teológica* I, 8, 1)

Quando S. Paulo vai falar aos pagãos gregos, no Areópago de Atenas, diz



exactamente: «É Nele, realmente, que vivemos, nos movemos e existimos, como também o disseram alguns dos vossos poetas: 'Pois nós somos também da Sua estirpe.'» Act 17, 28)

Isto é de tal maneira que, quem quer que seja, se alguma vez vir a Deus, nessa altura verá aquilo porque anseia o seu ser e atingirá a plenitude. «Tudo o que há de desejável em qualquer felicidade que seja... preexiste eminentemente na bem-aventurança divina» (*Suma Teológica* I, 26, 4). Essa plenitude é a vida eterna: «Esta é a vida eterna: que te conheçam a ti, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem Tu enviaste.» (Jo 17, 3)

2- Deus é amor

O primeiro aspecto que referi antes, a grandeza, a bondade, a perfeição de Deus foi intuído por muitos filósofos e religiosos de todo o mundo e da história. O ser humano foi feito por Deus e para Deus e naturalmente dirige-se para Ele.

Aquele elemento novo que Jesus Cristo trouxe foi dizer que Deus é amor, e nos ama apaixonadamente, mais ainda do que nós nos amamos a nós mesmos. «Deus amou de tal maneira o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna.» (Jo 3, 16).

S. João formulou a frase lapidar: «Aquele que não ama não chegou a conhecer a Deus, pois Deus é amor.» (1Jo 4, 8) «Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele.» (1Jo 4, 16)

Tudo o que foi dito antes sobre a grandeza, magnificência, perfeição, unidade, verdade, bem, criação de Deus tem de ser revisto à luz desta verdade que o Filho nos trouxe: Deus é amor.

Isto significa uma revolução radical na história do mundo «Nós amamos, porque Ele nos amou primeiro.» (1Jo 4, 19)

A consequência disto é que adorar a Deus quer dizer aquilo que o mandamento dizia: amá-lo, de todo o coração, com toda a alma, com toda a mente e com todas as forças.

3- Como adorar a Deus

O que temos de fazer é adorar a Santíssima Trindade. Amar a Deus de todo o coração, com toda a alma, com toda a mente e com todas as forças. Como é que isto se faz?

De facto, sobre Deus não sabemos o que Ele é. Só sabemos o que Ele não é: «Ele não pode ser definido, e não podemos demonstrar d'Ele o que quer que seja para lá dos seus efeitos» (*Suma Teológica* I, 3, 5). «Sabemos mais de Deus aquilo que Ele não é, do que aquilo que é» (*Suma Teológica* I 1, 9, 3).

Nós nem vemos a Deus. Mas Deus é o mais visível de todos os seres: «Deus... é pois em si o mais conhecível dos objectos» (*Suma Teológica* I, 12, 1). Nós só não o conseguimos ver por causa da nossa natureza e do nosso pecado.

Ele é como o mar para os peixes. Nós, da praia, vemos o mar, mas os peixes nunca viram o mar. Os peixes, que vivem mergulhados no mar, não o podem ver, apesar de o mar ser tão visível para eles. Assim somos nós com Cristo. Nós vivemos mergulhados em Cristo, é por isso que nunca O conseguiremos ver.

Temos de perceber o que significa adorar e amar a Santíssima Trindade de todo o coração, com toda a alma, com toda a mente e com todas as forças. «Podemos amar a Deus de todo

o coração de duas formas. 1º em acto, quer dizer que o coração do homem se eleve todo inteiro e de uma maneira sempre actual para Deus. Tal é a perfeição da pátria [celeste]. 2º O coração do homem é levado todo inteiro para Deus em virtude do hábito, de tal forma que ele não aceite nada de contrário ao amor de Deus. Tal é a perfeição de viajante» (*Suma Teológica* II-II,44,4,s2).

S. Vicente de Paulo explica isto também num dos seus escritos: «Honremos continuamente as perfeições de Deus e tomemos por fim do que vamos fazer o honrar dessas perfeições que são mais opostas à natureza: a Sua ciência tão contrária à nossa cegueira, a Sua grandeza e majestade infinitas, tão acima da nossa baixeza e insignificância, a Sua bondade infinita, sempre em oposição à nossa malícia» (Obras XI, 63; BAC 672).

III – CONSEQUÊNCIAS DA ADORAÇÃO

Adorar a Deus profundamente tem consequências na vida

1- A vida

Em primeiro lugar, toda a nossa vida deve ser espelho dessa adoração: S. Vicente diz isso nos seus conselhos à sua congregação. Primeiro naquilo que são: «Em Deus há três pessoas, sem que o Pai seja maior que o Filho, nem o Filho maior que o Espírito Santo. Da mesma forma as Filhas da Caridade, que devem ser retratos da Santíssima Trindade, embora sejam muitas, não devem ter mais que um coração e uma alma.» (Obras XIII, 633; BAC 673).

Depois naquilo que fazem: «E como nas sagradas pessoas da Trindade as

obras, mesmo diversas e atribuídas a cada uma em particular, têm relação umas com as outras, sem que por se atribuir a sabedoria ao Filho e a bondade ao Espírito Santo, se entenda que o Pai carece desses dois atributos, nem que a Terceira Pessoa não tenha o poder do Pai nem a sabedoria do Filho, assim também é preciso que entre as Filhas da Caridade, a que tenha cuidado dos pobres se relacione com a que cuida dos meninos abandonados, e a que cuida dos meninos se relacione com a que cuida dos pobres. (Obras XIII, 633; BAC 673)

Finalmente naquilo que amam: «Também queria que os nossos corações se conformassem com a Santíssima Trindade em que, assim como o Pai se dá todo inteiro ao Seu Filho e o Filho a Seu Pai, de onde procede o Espírito Santo, de igual forma as Filhas da Caridade se unam umas com as outras para produzir as obras de caridade que são atribuídas ao Espírito Santo, a fim de que se pareçam com a Santíssima Trindade» (Obras XIII, 633; BAC 673).

Ele apresenta as coisas com a radicalidade que elas têm: «A união é a imagem da Trindade, cujas três pessoas estão unidas no amor. A desunião, pelo contrário, representa a imagem do inferno, onde os demónios vivem em perpétuo rancor e discórdia» (Obras IX, 97; BAC 674).

2- A acção

A segunda consequência é que a adoração não nos leva à inacção, mas à acção. E aí S. Vicente de Paulo é exemplo eminente «Não me basta amar a Deus – contemplação – se o meu próximo não o ama – acção» (Obras XII, 263; BAC 679).

Diz S. Tomás de Aquino: «A razão de

amar o próximo é Deus, pois o que nós devemos amar no próximo é que esteja em Deus» (*Suma Teológica* II-II,25,1). E S. Vicente acrescenta: «Toda a boa acção vem de Deus, que é o autor de todas as obras santas» (Conferência às Damas da Caridade. Memória sobre o estado das obras, 11 Julho de 1657. Obras XIII, 808; BAC 672).

Nós costumamos chamar caridade a dar esmola, ajudar o próximo. Mas isso, de facto, não é caridade. Isso vê-se logo no célebre hino de S. Paulo: «Se eu repartir toda a minha fortuna e entregar meu corpo ao fogo mas não tiver a caridade nada disso me aproveitou.» (1Co 13, 3)

A definição da caridade é muito diferente. Caridade é uma das três virtudes teologais. Mas uma virtude teologal dirige-se a Deus (é isso que quer dizer “teologal”). – S. Tomás de Aquino diz: «Caridade é a amizade do homem por Deus» (*Suma Teológica* II-II, 23,1). O Catecismo da Igreja Católica define caridade da seguinte forma: «A Caridade é a virtude teologal pela qual amamos a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a nós mesmos, por amor d’Ele.» (Catecismo da Igreja Católica nº.1822). A virtude da Caridade cristã é uma virtude teologal. Caridade quer dizer: amar a Deus.



Então porque é que a gente diz que temos caridade com o próximo? Porque o Senhor Jesus disse: «Eu vos garanto: todas as vezes que fizestes isso a um desses meus irmãos menores, a mim o fizestes»». (Mt 25, 35-40). Cristo identifica-se pessoalmente com os pobres, os aflitos, os miseráveis, os peregrinos, os doentes, os presos.

Toda a gente se sente satisfeita se foi útil para um desconhecido. As pessoas de boa vontade consideram todos os homens como seus irmãos e por isso se dedicam a eles. Os cristãos são os únicos que vêm os necessitados como sendo o próprio Deus.

Isto leva-nos a uma discussão de uma das frases mais conhecidas de S. Vicente: que se pode deixar a oração para acudir a um doente, porque «se deixa Deus por Deus». O texto é tão famoso que é usado no Ofício de Leitura da festa de S. Vicente de Paulo: «Não tenhais nenhum escrúpulo ou remorso de consciência se, para prestar serviço aos pobres, tivestes de deixar a oração. De facto não se trata de deixar a Deus, se é por amor de Deus que deixamos a oração: servir um pobre é também servir a Deus» (Obras IX, 319; BAC 681).

Isso é verdade. Mas existe um outro texto de S. Vicente em que ele diz: «Minhas irmãs, fazei sempre o que podeis a fim de que, sendo a oração a primeira ocupação do vosso espírito, todo o resto do dia está cheio de Deus. É verdade, deve dar-se preferência aos serviços dos enfermos em caso de necessidade; mas se fizerdes com cuidado, tereis bastante tempo para isso. (...) O diabo emprega todos os seus artifícios para impedir-nos de rezar, pois sabe muito

bem que, se conseguir primeiro encher o vosso espírito de pensamentos frívolos, ficará cheio deles todo o dia. Por isso, minhas filhas, exorto-vos quanto posso a que façais oração antes de sair de casa, e que a façais todas juntas. Se estiverdes justamente impedidas, podeis fazê-lo mais tarde na igreja, mas que isto seja o menos possível. Sede exactas, suplico-vos, em praticar este exercício. (Conferência: da Oração, Obras IX, 428; BAC 795).

Outro testemunho, este mais recente é da Madre Teresa de Calcutá que disse numa entrevista. «– Mas porque é que se interessa tanto por esta pobre gente, por estes seres desgraçados, repugnantes?

– Por Jesus. E estamos gratas que o amor por Jesus se possa traduzir em acções de bem para os homens.

– Mas como? Não o faz por compaixão, por piedade ?

– Não. É pelo Senhor. Deste modo esta compaixão torna-se grande. Como a d'Ele.» (citado in L.Guiussani *L'Io, Il Potere, Le Opere*, Marietti, Genova, 2000, cap.ii, pag. 31).

– Assim há uma grande diferença entre a acção social comum e a nossa. Nós amamos os irmãos por Cristo, com Cristo e em Cristo. Nós fazemos acção social por causa de Cristo. Não por causa da pobreza, por causa da injustiça, por causa da revolução, por causa do progresso.

Por isso é que fazemos acção social mesmo quando as pessoas sofredoras não são simpáticas ou agradecidas, quando as coisas não correm bem ou até correm mesmo mal, quando os obstáculos são muitos e os nossos esforços são infrutíferos.

Isso hoje nota-se muito bem. Existe hoje muita gente que faz acção social

sem ser por causa de Cristo. Fazem pelo partido, pela ideologia, pela boa vontade, etc. Fazem acção social para combater a injustiça da sociedade, para criar um mundo novo, para fazer a revolução, para ajudar os pobres, para proteger o ambiente. Mas nota-se a diferença. Aqueles que fazem por causa dessas coisas são frequentemente azedos, cínicos, vazios, tristes. Há pessoas que passam a vida dedicados aos outros, e sempre com a raiva contra a injustiça da sociedade, o ódio ao capitalismo, o desprezo pela burguesia, etc.

Nós não somos assim. Nós sabemos que a obra não é nossa. Nós sabemos que «um é o que semeia e outro o que colhe» (Jo 4, 37)

3- A confiança

Mas a mais importante consequência da adoração é a confiança. Ser cristão é ser espantosamente feliz, em todas as coisas que sofremos.

Diz S. Vicente de Paulo numa das suas cartas a Sta. Luísa de Marillac: «Liberte a sua alma de tudo o que angustia. Deus tratará disso. Aquilo a que dedica demasiada ânsia entristece, por assim dizer, o coração de Deus, pois vê que não o honra o suficiente com a santa confiança. Fia-se n'Ele, peço-lhe, e assim conseguirá o cumprimento do que deseja o seu coração. Repito-lhe: abandone todos esses pensamentos de desconfiança que por vezes permite na sua alma. E que motivos pode ter essa sua alma para não estar cheia de confiança, se é a filha querida de Nosso Senhor pela Sua misericórdia» (Carta a Sta. Luísa de Marillac Obras I, 90; BAC 715).

Vivemos como pessoas salvas. Não falta nada para sermos felizes: o

Senhor já veio, já morreu e já ressuscitou. Já estamos redimidos. A única coisa que falta é que a gente dê por isso: Está tudo pronto para me salvar. Só falta mesmo eu querer. O universo inteiro está suspenso do meu Sim, do nosso Sim.

Diz S. Paulo: «A criação aguarda ansiosamente a revelação dos filhos de Deus... Sabemos, com efeito, que toda a criação tem gemido e sofrido as dores de parto até ao presente. E não só ela, mas também nós próprios, que possuímos as primícias do Espírito, gememos igualmente em nós mesmos, aguardando a filiação adoptiva, a libertação do nosso corpo» (Rm 8, 19 e 22-23).

Aliás, o adiamento do fim do mundo está relacionado com isto. Diz S. Pedro «O Senhor não retarda o cumprimento de sua promessa, como alguns pensam, mas usa de paciência para convosco. Não deseja que alguém pereça. Ao contrário, quer que todos se arrependam. Entretanto, virá o dia do Senhor como ladrão, e nele passarão com estrépito os céus, e os elementos abrasados se dissolverão e a terra será consumida com suas obras.» (2Pe 3, 9-10)

Assim, vivamos com alegria: «Sabemos que tudo concorre para o bem dos que amam a Deus» (Rm 8, 28). Tenho aliás uma novidade espantosa para vos dar. Uma novidade que já sabem, mas que muda totalmente a realidade: «Quanto a vós, até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados!» (Mt 10, 30).

Um dos piores pecados que nós, as pessoas boas e devotas, fazemos é duvidar, ter falta de confiança. Este é o pecado que até espanta a Cristo: «Porque estais a discorrer que não tendes pão? Ainda não entendestes


nem compreendestes? Tendes o vosso coração endurecido? Tendes olhos e não vedes, tendes ouvidos e não ouvis? E não vos lembrais de quantos cestos cheios de pedaços recolhestes, quando parti os cinco pães para aqueles cinco mil?» Responderam: «Doze.» «E quando parti os sete pães para os quatro mil, quantos cestos cheios de bocados recolhestes?» Responderam: «Sete.» Disse-lhes então: «Ainda não compreendeis?» (Mc 8, 17-21).

Jesus passa a vida a chamar aos Apóstolos, a nós que comemos e vivemos com Ele, «homens de pouca fé»: Mt 6, 30; Mt 8, 25-26; Mt 14, 31; Mt 16, 8; Mt 17, 19-20; Mc 9, 24; Lc 12, 28. De facto é muito grave que nós, que temos um Deus que nos ama meticulosamente, nos esqueçamos do seu amor, duvidemos do seu amor, procuremos noutros lados o nosso amor. Esta é toda a história da Bíblia, a história do Deus amoroso e do povo ingrato. É a história da Paixão de Cristo.

Isto leva-nos à conclusão. «Francisco Xavier em oração com Deus, pôde dizer *“Amo-te, não porque me podes dar o paraíso ou o inferno, mas simplesmente porque és quem és – meu rei e meu Deus”*» (Bento XVI «Jesus de Nazaré» cap. V; p. 213).

Referências

Obras – Saint Vicent de Paul *Correspondence, Entretiens, Documents*, Edition publiée et annotée par Pierre Coste, prêtre de la Mission, Paris, 1923

BAC – San Vicente de Paul *Biografía y Selección de Escritos*, Edición preparada por los padres Jose Herrera CM e Veremundo Pardo CM, Biblioteca de Autores Cristianos, segunda edición, Madrid, 1955. 

JOÃO PAULO II MOSTROU COMO VIVER AS DOENÇAS SANTAMENTE



«Uma das principais razões pelas quais estamos convencidos da santidade de João Paulo II é a forma como ele viveu a sua longa doença».

Isso foi afirmado pelo director da Sala de Imprensa da Santa Sé, Pe. Federico Lombardi, no último editorial de Octava Dies, informativo semanal do Centro Televisivo Vaticano.

O porta-voz do Vaticano lembrou que «foi João Paulo II quem quis que a Igreja comemorasse anualmente um Dia Mundial do Doente, em Fevereiro, no dia dedicado a Nossa Senhora de Lourdes», referindo-se às celebrações do último dia 11 de Fevereiro em todo o mundo católico.

A doença, segundo ele, «é parte essencial da experiência humana; e também está, necessariamente, no coração de toda a experiência da fé».

«Ela afecta toda a pessoa, quer directamente, no seu corpo e mente, quer em pessoas próximas e queridas, ou no ambiente circundante, e envolve as profundezas da alma, desafiando o amor, a esperança, a própria fé».

Por isso, acrescentou, «Jesus Cristo, com a sua atenção aos que sofriam, com a sua Paixão e Morte, é a pala-

vra de consolo mais confiável para os doentes, e assim deve tentar ser toda a Igreja, num espírito de solidariedade e de amor em cada dimensão da comunidade humana».

A este respeito, e diante da próxima beatificação de João Paulo II, o Pe. Lombardi referiu-se a ele como a uma «grande testemunha da doença vivida na fé».

«A maneira como ele a viveu – para si e para nós – é uma das principais razões pelas quais estamos convencidos da sua santidade – sublinhou. Como Jesus, que carrega a cruz, ele também é um grande amigo e defensor de todos os doentes».

Mas a tarefa dos cristãos não está só no «conforto», e sim também no «compromisso», acrescentou.

Citando palavras da encíclica **Spe Salvi**, do Papa Bento XVI, Lombardi lembrou que «a grandeza da humanidade determina-se essencialmente na relação com o sofrimento e com quem sofre», pois «uma sociedade que não consegue aceitar os que sofrem e não é capaz de contribuir, mediante a compaixão, para fazer com que o sofrimento seja partilhado e assumido, mesmo interiormente, é uma sociedade cruel e desumana».

«O sofrimento é um convite e pode gerar amor. Muito amor. Sem ele, não conheceríamos as profundezas do amor. Peçamos a graça de entendê-lo e vivê-lo para crescer em humanidade».



In "Missões Franciscanas"


CAVALGAR A CRISE ?

Em tempos de crise, todos se voltam para a Igreja. Os que já antes eram pobres e os pobres criados pela nova situação (tantas vezes “envergonhados” pela vida de abundância que levavam anteriormente e que contrasta com aquela a que agora são forçados); os poderes políticos, outrora orgulhosos e sem problemas em criticar a Igreja, procurando retirar-lhe todos os espaços da vida pública, mas que agora olham para ela como a possibilidade efectiva de congregar boas vontades e minorar o sofrimento de tantos; os jornalistas convictos de que, em momentos de crise, aumenta o número dos que peregrinam a Fátima, e sempre prontos a fazer uma reportagem sobre a miséria alheia, querendo saber números, conhecer rostos...

E a Igreja lá vai trabalhando, como sempre fez, sem grandes alaridos, reforçando tanto quanto pode a ajuda àqueles que precisam. Sem olhar a quem eles são, se “merecem” ou não o prato de sopa, a refeição, a peça de vestuário... Trata-se de mobilizar mais as comunidades, sem preocupações com aumentos de “receitas dos peditórios”, bancos de dados – bem preenchidos, onde figuram, bem identificados, os rostos e os nomes dos pobres, organização centralizada eficaz e coordenadora. É a espontaneidade de quem percebe que existe muito mais que a programação e que, sobretudo agora, há que resolver as situações urgentes das pessoas, e que isso não se compadece com muitos

planos, organizações, discursos. Neste trabalho de presença, de ajuda, de aflição por querer chegar a todos os lados e a todas as pessoas que necessitam e de sentir tantas vezes a impotência de não o poder fazer só porque não chega, porque não há recursos disponíveis, materiais e humanos, neste trabalho resplandece o amor de Deus. É um trabalho silencioso, mas que grita o Evangelho.

Mas há também uma tentação, não tenhamos ilusões. Aquela de “cavalgar a crise”, de mostrar que somos bons, de mostrar a todos o que fazemos, que damos muito, que somos imprescindíveis, para podermos, finalmente, aparecer e ser reconhecidos... A tentação de aumentar números, estatísticas, de mostrar a eficácia.

No meio da crise, a Igreja é antes convidada a ser o ponto seguro de referência do que significa ser homem. Mudam os homens, mudam as suas condições de vida, mas no meio da sociedade é importante que alguém grite Deus e que, sem Ele, o homem não é nada. A Igreja de Jesus não pode calar o Evangelho. Não pode calar o amor de Deus que se nos mostrou em Cristo crucificado. Esse há-de sempre ser proclamado em cima dos telhados, a propósito e a despropósito. Mas isso é bem diferente de querer “engordar” à custa da crise. 

In “Voz da Verdade”



SOLIDARIEDADE, RESPEITO E JUSTIÇA: VERDADEIROS SIGNIFICADOS DA PAZ

A paz não é meramente a ausência de conflito; de facto, envolve uma série de realidades e valores, como a solidariedade, o respeito, a justiça e a igualdade.

O cardeal Peter Erdö, presidente do Conselho da Conferência Episcopal da Europa (CCEE), recordou isso no dia 20 de Fevereiro, durante o seu discurso em Belgrado (Sérvia), na reunião anual do Comité Misto da Conferência das Igrejas Europeias (KEK) e do CCEE, realizada de 17 a 20 de Fevereiro.

Após a reunião de 2009, que tratou da protecção da criação, e a de 2010, sobre a emigração, neste ano abordou-se a questão da paz e da contribuição que os cristãos estão chamados a dar para a sua plena realização.

No seu discurso, o «purpurado» explicou que o facto de que geralmente o termo «paz» seja entendido como ausência de guerra ou ausência de conflito armado «é certo e justo», mas «a verdadeira paz significa muito mais» que isso, observou o Cardeal.

«Podemos falar de paz quando as pessoas no mundo são discriminadas por sua nacionalidade ou religião? – perguntou ele. Como se pode falar de paz nos países em que tantos cristãos são privados da liberdade religiosa e ameaçados na sua existência física, com formas graves de discriminação (psicológica, económica e cultural) que, por vezes, se traduzem em verdadeiras perseguições»? Frente a isso, existe claramente a necessidade de «buscar formas novas e efectivas de solidariedade com os nossos irmãos».

Para muitos, a paz – acrescentou – «significa também certa tolerância passiva ou um acordo tácito de deixar-se reciprocamente “em paz”, para que os direitos individuais sejam respeitados».


«A insuficiência deste conceito de tole-

rância superficial é evidente nos casos – cada vez mais frequentes – em que a opinião ou os interesses de uma minoria contrariam os direitos da maioria, iniciam uma batalha legal sob o disfarce da não-discriminação, começam a obrigar a maioria a renunciar aos seus próprios direitos comuns e tradições culturais».

«A paz do Senhor fundamenta-se na verdade de Deus e do homem, (...) convida-nos a descobrir a beleza e a riqueza das diferentes formas de identidade e de comunhão», afirmou Peter Erdö.

Em concreto, a paz de Cristo convida a reconhecer três elementos fundamentais: «a importância fundamental da diversidade dos indivíduos na família e na sociedade, que não é contrária à sua necessidade de ter direitos iguais»; «o valor das nações como comunidade de língua, história, cultura, experiências históricas, tradições religiosas»; e o facto de que a paz «tem certamente uma dimensão económica».

O cardeal Erdö também destacou como a presença dos delegados KEK/CCEE em Belgrado é «um sinal importante» do desejo de paz dos cristãos; além disso, reconheceu que «a unidade das igrejas cristãs não pode ser construída apenas através de um “acordo de paz” confessional sobre o mínimo denominador comum».

Neste contexto, citou o Papa Bento XVI, lembrando que «o nosso dever é prosseguir com paixão o caminho em direcção a esse objectivo, com um diálogo sério e rigoroso, para aprofundar na herança teológica, litúrgica e espiritual comum; com o conhecimento mútuo; com a formação ecuménica das novas gerações e, sobretudo, com a oração e a conversão do coração». 

* Cardeal Peter Erdö

Encontro KEK/CCEE em Belgrado
In ZENIT – In “Missões Franciscanas”



IDENTIDADE SOCIAL DO CRISTIANISMO

Acho muito interessante este tema e mais, que depois de vinte séculos

de experiência cristã, ainda lhe andemos a perguntar o que significa e que recados ou mensagens nos guarda.


O Evangelho é mais que claro, quando nos diz que não podemos andar por aí a dizer que amamos a Deus sem amarmos o próximo e, se calhar, mais claro ainda S. João, quando chama mentiroso àquele que diz amar a Deus sem amar o próximo. Num e noutro lugar, isto é, em Jesus e em João que O “entende”, nós confrontamo-nos com uma verdadeira provocação, o que não nos pode admirar porque o Evangelho é uma provocação, Jesus é o Provocador por excelência e pela provocação terá que andar a verdadeira Evangelização. Às vezes, penso que na Igreja andamos todos muito quietinhos ou morninhos, porque nem nos provocam, nem nós provocamos, nem provocamos ninguém.

O cristianismo é a vida que nos vem de Jesus Cristo, o Filho de Deus, Segunda Pessoa da Trindade. Do “trabalho” do Pai com o Filho procede o Espírito Santo. Lembro este mistério augusto da nossa fé, para concluir, à minha maneira tão pobre (perigosa?) que Deus é Sociedade, que nós, homens, criados à sua imagem e semelhança, somos sociedade, sociedade que nos foi não só revelada por Jesus Cristo, como por Jesus Cristo nos foi explicada e testemunhada. Isto para dizer que o Cristianismo tem uma identi-

dade social. Será que pensei e deduzi bem? Então, todo ele, o Cristianismo, é o mistério da Incarnação implantada no mundo dos homens, já que “foi por nós homens e pela nossa salvação que incarnou e habitou entre nós”.

A Igreja é a herdeira de Cristo, é Cristo continuado, Cristo incarnado – Cristo Social (!). Por isso, como aconteceu com Jesus, também ela tem que olhar o homem todo, salvar o homem todo, não esquecendo nenhuma das suas dimensões de evangelização, como às vezes acontece. Está mais que dito que a vertente litúrgica, que habitualmente privilegiamos, não esgota a missão da Igreja que terá que passar necessariamente por outros patamares, exactamente aqueles que definem o homem todo.

Daqui nascerá e por aqui passará aquilo a que chamamos Doutrina Social da Igreja. O Catecismo não foi primariamente composto para ser mostrado ao mundo, antes, foi cuidadosa e pedagogicamente elaborado, e à luz da fé, para nos ajudar a descobrir como devemos estar no mundo a testemunhar por inteiro e sem omissões a nossa fé.

Parece-me que é o que nos falta (pode faltar) na nossa vida cristã: fazer do amor do próximo, com todas as suas exigências e consequências, a melhor prova do amor a Deus. O Cristianismo tem, por essência, uma identidade cristã (não se repare no pleonasma), a sua identidade cristã está identificada com a sua identidade social. 

* Bispo emérito de Setúbal

In “Ecclesia”

EM TEMPOS DE CRISE: QUE CAMINHOS?

Recessão, perda de independência económica, ajuda externa, sacrifícios a suportar, Impostos agravados, o peso da dívida, redução do poder de compra, relutância de alguns países na ajuda a Portugal, acordos com a “Troika”, são expressões que a todo o momento se escutam e que atemorizam. Dizem-nos até que tudo vai piorar, com agravamento a partir do Verão e para muitos anos. De facto, o medo do futuro, instalou-se entre nós.

Também na nossa terra são cada vez mais gravosas as situações das famílias mais desprotegidas e de outras que até há pouco se bastavam a si próprias e que agora têm de recorrer a ajudas de emergência. Os encargos assumidos em tempos mais folgados, os despedimentos provocam autênticos dramas sociais e familiares. Não somos só nós a dizê-lo, mas todas as instituições similares. Perante esta situação de crise da sociedade hodierna (e não só de cariz económico/financeiro), que atitude tomar? Neste tempo pascal que os cristãos estão a celebrar e durante o qual iremos escutar tantas vezes Cristo Ressuscitado – “porque estais perturbados? Não tenhais medo!; Eu sou o Bom Pastor; Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” – como responder aos desafios? Também a primitiva comunidade cristã, a começar pelos Apóstolos e outros discípulos contemporâneos de Jesus, viveu tempos terríveis de medos, hesitações, perplexidades, derrota...

Foram momentos de grave crise... Mas conseguiram vencer; fortificados pela Sua presença. E assim foi sempre através da História, tanto por parte dos seguidores de Cristo, pela fé e confiança n’Ele, como na vida dos homens e mulheres de todos os tempos, pela inteligência, tenacidade e coragem que são dons de Deus, mesmo não reconhecidos.

Lemos há pouco estas palavras tão ajustadas: “Os momentos de crise podem e devem tornar-se oportunidades para fortalecer o caminho em direcção a uma verdadeira maturidade humana e espiritual (...) esta crise pode e deve ser também oportunidade para crescer em direcção a valores mais verdadeiros, mais justos e mais solidários”. São precisos políticos, economistas, dirigentes capazes, dinâmicos, sábios, honestos e autênticos nas suas competências e atribuições? Sim.

Então, assumam! Porém, a cada um de nós, cidadãos deste país e neste mundo de hoje, cabe também a responsabilidade de contribuir com a nossa quota-parte, mesmo que ínfima.

Neste tempo pascal, nós, cristãos em particular, somos convidados a ser homens e mulheres de esperança, provendo o bem e uma solidariedade autêntica, mudando estilos de vida, procurando distinguir o essencial daquilo que é supérfluo, encontrando formas de ultrapassar as dificuldades com coragem e confiança. ☺

In “Mais Luz”

UMA VIDA DE SERVIÇO NA IMITAÇÃO DO “BOM SAMARITANO”

No passado Sábado, dia 21 de Maio, foi beatificada em Lisboa a Irmã Maria Clara do Menino Jesus, fundadora da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição (CONFHIC).

Apontamento biográfico

A nova Beata nasceu em 25 de Junho de 1843 na Quinta do Bosque, propriedade de sua família, situada no termo da actual cidade da Amadora. Foi baptizada na igreja paroquial de Nossa Senhora do Amparo, em Benfica, a 2 de Setembro seguinte com o nome de Libânia do Carmo Galvão Mexia de Moura Telles e Albuquerque.

Como os apelidos indicam, Libânia veio ao mundo no seio da nobreza. Terceira de sete filhos, viveu uma infância feliz no ambiente cristão do seu lar. Mas logo na adolescência experimentou o sofrimento doloroso da orfandade. Sua mãe faleceu em 1856 e o pai um ano depois, ambos vitimados pela epidemia de cólera que então grassava em Lisboa.

Depois de ter permanecido cinco anos no Asilo Real da Ajuda e outros tantos em casa dos Marqueses de Valada, seus parentes e amigos,

Libânia transferiu-se em 1867 para o Pensionato de S. Patrício, instalado no antigo convento do mesmo nome, junto à muralha do Castelo de S. Jorge. Dois anos mais tarde tomou hábito no Recolhimento de terceiras franciscanas seculares capuchinhas de Nossa Senhora da Conceição, também sedado em S. Patrício, com o nome de Irmã Maria Clara do Menino Jesus, que haveria de usar até à morte

A casa de S. Patrício era dirigida pelo Padre Raimundo dos Anjos Beirão, antigo membro da Ordem Terceira Regular de S. Francisco, que fora obrigado a abandonar o convento pelo decreto de supressão dos institutos religiosos de 1834. Depois de exclaustrado, dedicou-se à pregação e ao socorro dos órfãos e dos pobres. O seu encontro com Libânia, depois Irmã Maria Clara, foi providencial. Viu nela a mulher escolhida por Deus para, com ele, fundar uma Congregação que, imitando o bom samaritano do Evange-

lho, minorasse as graves carências da população portuguesa da época.

O projecto viria a realizar-se a partir de S. Patrício. Para beneficiar da experiência de outra Congregação franciscana já consolidada, em Fevereiro de 1870 o Padre Beirão enviou a Irmã Maria Clara mais três companheiras do Recolhimento a fazer o noviciado nas Irmãs Franciscanas Hospitaleiras e Mestras de Calais, no norte da França, onde professou a 14 de Abril de 1871. Regressada de imediato a Portugal, o Padre Beirão, logo no dia 3 de Maio, empossou-a como superiora e mes-

tra de noviças das recolhidas capuchinhas que aderiram à reforma da sua agremiação. Foi o momento fundacional da nova Congregação.

O instituto recém-criado foi aprovado pelo Governador Civil de Lisboa, por alvará de 22 de Maio de 1874, com a designação de Irmãs Hospitaleiras dos Pobres por Amor de Deus, mas somente como «associação de beneficência». Não era possível outra forma de reconhecimento pela autoridade civil pois as congregações religiosas estavam proibidas em Portugal desde 1834.

O passo seguinte foi a aprovação pontifícia da Congregação pelo Papa Pio IX a 27 de Março de 1876. O novo estatuto canónico garantia segurança institucional à jovem comunidade religiosa. Por iniciativa do Padre Beirão, a Irmã Maria Clara assumiu a responsabilidade da mesma como Superiora Geral em cerimónia familiar realizada a 03 de Maio de 1876, quinto aniversário da fundação. Tinha 33 anos. As irmãs começaram a chamar-lhe Fundadora e a dar-lhe, na intimidade, o nome de Mãe Clara.

Dois anos depois, a 13 de Julho de 1878, o Padre Beirão faleceu. A sua



inspiração esteve sempre presente no modo como a Irmã Maria Clara dirigiu a Congregação até à morte, ocorrida a 1 de Dezembro de 1899.

Actividade caritativa da Congregação

A Congregação desenvolveu uma actividade marcante em Portugal no último terço do século XIX. Durante este período, as irmãs trabalharam em 45 hospitais, 26 colégios, 15 asilos de inválidos, 14 asilos de infância e 6 cozinhas económicas. Embora localizada maioritariamente na região de Entre Douro e Minho, esta centena de casas estava disseminada por todo o país incluindo pequenas cidades e vilas do interior. Parte significativa das instituições servidas pelas irmãs pertencia a Misericórdias.

A Congregação irradiou também para o Ultramar. Por vezes a pedido do próprio Governo, o qual, apesar do decreto de extinção dos institutos religiosos de 1834, aceitava a presença das congregações dedicadas à assistência, à educação e às missões ultramarinas. Neste contexto as irmãs prestaram serviço nos hospitais de Bolama (Guiné-Bissau), Goa, Luanda (Angola) e Santiago da Praia (Cabo Verde). O aumento constante e extraordinário do número de irmãs permitia à Irmã Maria Clara atender as solicitações que lhe iam chegando das mais va-

riadas procedências. A tabela estatística da Congregação nos primeiros trinta anos é reveladora. As religiosas passavam de 3 em 1871 para 150 em 1880, 355 em 1890 e 468 em 1900. Mesmo assim não foi possível atender favoravelmente todos os pedidos.

No governo da Congregação a Irmã Maria Clara não actuava como gestora de pessoas e serviços. O espírito que a animava era outro e ficou bem manifesto num episódio da sua vida. Um dia, ao ver grupos de adultos e crianças a mendigar, vestidos de andrajos e sob um frio rigoroso, disse às meninas que a acompanhavam: “Olhem, aquela é que é a minha gente!... Que pena tenho de não os poder socorrer!...”

Estimuladas pelo exemplo da Fundadora, as Irmãs Hospitaleiras souberam concretizar no quotidiano a divisa do seu brasão: *Lucere et fovere*. Alumiar e aquecer. Iluminaram o espírito de crianças e jovens a abrir para as grandes opções da vida. Aconchegaram a existência de doentes e idosos, tantas vezes fragilizada por circunstâncias adversas.

A gesta caritativa da Congregação documenta a vitalidade interna da Igreja Católica no período final do século XIX. Não é possível escrever a história da assistência e da educação em Portugal nessa época sem referir o contributo abnegado das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras. ➡

In “Voz da Verdade”

ANO DO VOLUNTARIADO



No ano 2001, quando se comemorava um ano idêntico, o Papa João Paulo II disse quase no fim desse ano:

1. “(...) Através da actividade que desempenha, o Voluntariado faz a experiência de que, só através da dedicação ao próximo, a criatura humana se realiza plenamente a si mesma.

Cristo, o Filho de Deus feito homem, comunica-nos a razão profunda desta experiência universal. Ao manifestar o rosto de Deus que é amor (cf. Jo. 4, 8), **Ele revela ao homem o amor como lei suprema do seu ser.** Na vida terrena, Jesus fez com que a ternura divina fosse visível, despojando-se «a Si mesmo,

tomando a condição de servo, tornando-Se semelhante aos homens» (Fl. 2, 7) e «por nós Se entregou a Deus como oferta e sacrifício de agradável odor» (Ef. 5, 2). **Partilhando até à morte as nossas vicissitudes terrenas, ensinou-nos a «caminhar na caridade».**”

2. “(...) Não é suficiente ir ao encontro de quem vive dificuldades materiais; é preciso responder, ao mesmo tempo, à sua sede de valores e de respostas profundas. É importante o tipo de ajuda que se oferece, **mas mais importante é o sentimento com que ela é dada.** Quer se trate de micro projectos ou de grandes realizações, o Voluntariado está chamado a ser em qualquer caso **escola de vida sobretudo para os jovens,** contribuindo para os educar para uma cultura de solidariedade e de acolhimento, aberto ao dom gratuito de si.

Quantos voluntários, ao empenhar-se corajosamente pelo próximo, conseguem descobrir a fé! **Cristo, que pede para ser servido nos pobres, fala ao coração de quem se põe ao seu serviço.** Faz experimentar a alegria do amor abnegado, amor que é fonte da verdadeira felicidade.” ➡

Comece fazendo o necessário, depois o que é possível, e muito em breve estará fazendo o impossível.

S. Francisco de Assis

Conselho Central de Aveiro

Assembleia da Quaresma

Em sequência das assembleias já anteriormente realizadas com o objectivo de formar os vicentinos para a sua tarefa de bem servir e partilhar, foi realizada no passado dia 12 de Março, em Canelas, paróquia da diocese de Aveiro, a assembleia da Quaresma com o tema “O Rosto do Voluntário Vicentino”. Após a oração inicial e da reflexão feita por um membro da conferência de Santo António de Canelas, iniciou-se a formação com a ilustre convidada Dr^a Maria Celerina Cunha.

A Dr^a. M^a. Celerina começou por salientar a importância de se promover uma cidadania activa, com consciência e confiança na sua laboração. Quanto à consciência, devemos lembrar que está directamente ligada com o conhecimento acerca de si próprio e dos outros, ajudando na formação de críticas e juízos relativamente ao homem dando um sentido às suas acções. Existem vários tipos de consciências; contudo, para os vicentinos, a consciência social é a mais marcante, já que é esta que irá impulsionar a acção na intervenção no meio que o rodeia. O homem possui necessidades sociais e afectivas, tal como de auto-realização, isto é, o homem precisa de conhecer os seus limites e tornar-se em tudo aquilo que realmente é capaz de ser. Sendo assim, quando ignoramos o impac-

to das nossas acções relativamente ao bem-estar alheio, inevitavelmente acabamos por ferir consciente ou inconscientemente. Não podemos dizer que existem “homens malfeitores”, pois o mal é algo que é ensinado ao longo da vida, em determinadas circunstâncias, seja pelo meio em que cresce, seja pela educação que recebe. Tudo provém das experiências de vida e da forma como elas são interpretadas por cada um de nós.

Citando uma frase já conhecida por nós, “para se aprender a tocar piano é necessário conhecer as teclas”, a prelectora referiu a importância do vicentino em impulsionar naqueles que acompanha a responsabilidade da gestão económica, tal como a consciência dos seus actos, e ainda deverá sensibilizá-los e ajudá-los a distinguir o essencial do supérfluo.

Na relação vicentino-assistido, deve-se fomentar a conquista com afecto e bondade que em nós está presente, cativando e criando laços recíprocos. Portanto, o compromisso de vicentino é também uma busca e dádiva de maturidade intelectual, afectiva e social, não ignorando o sofrimento alheio, nem as suas necessidades e princípios. Por conseguinte, tudo isto nos deve levar a reflectir acerca de outro conceito importante, a humildade. O conceito da humildade



provém do latim que significa “filhos da terra”, e trata-se de uma virtude que nos leva a reconhecer as nossas limitações e erros, sem nos projectarmos sobre as outras pessoas nem nos sentirmos superior a elas. Por isso, o vicentino deve saber ouvir, aceitar opiniões diferentes, ter compaixão, sentido de oportunidade, mansidão e respeitar os princípios daqueles que quer ajudar.

Relativamente à solidariedade, a Dr.^a M^a. Celerina sensibilizou os formandos

para o investimento nos gestos e na manifestação de afecto na comunicação verbal, adequada à condição de cada um (deve ser personalizada), tal como implantar iniciativas no sentido da criação de condições que permitam a participação afectiva das pessoas apoiadas e o promover o aumento da sua confiança no vicentino. Terminou reforçando que ser vicentino é ser e promover a auto-reconciliação, ajudar a desabrochar a bondade que existe em cada um de nós e tentar ver o outro com os olhos que Deus vê, pois “Deus olha para ti e vê aquilo em que te podes tornar”. E tal como proferiu Madre Teresa de Calcutá: “não devemos permitir que alguém se afaste de nós sem se sentir melhor e mais feliz”.

A assembleia terminou com a habitual confraternização e partilha entre os presentes. ➡

Conferência de Santa Eulália

Uma boa notícia

Um anseio de há muitos anos para melhor servir: usufruir de um espaço suficientemente amplo e de fácil acesso para armazenagem dos bens e equipamentos domésticos doados à Conferência para os que deles carecem. Hoje, é um projecto felizmente concretizado, mediante um protocolo com a Câmara Municipal de Águeda, após algum tempo de contactos e partilha de preocupações e boas vontades.

Esta cedência, pelo período de um ano, renovável, considera, por um lado, as atribuições e competências da Câmara Municipal no apoio a iniciativas de natureza social, entre outras, com manifesto interesse para a população. Por outro, reconhece a dedicação da Conferência Vicentina, no âmbito das suas características e acção, na realização de iniciativas destinadas a aliviar o sofrimento do próximo, em parti-



cular dos social e economicamente mais desfavorecidos, mediante o trabalho coordenado de seus membros.

O espaço é constituído por duas amplas salas, entretanto desocupadas e disponíveis no edifício dos Armazéns Municipais em Asseguins. Isto é, de facto, uma excelente notícia, pois permitirá uma melhor organização desta actividade já por

si trabalhosa, e que exige extraordinária dedicação de quem a coordena, proporcionando, assim, uma melhor e mais pronta resposta.

Entretanto, pensando na beneficiação e maior qualidade dos actuais espaços de Atendimento às pessoas que procuram roupas, calçado e bens congêneres, cedidos também pela Câmara Municipal no edifício da antiga Escola da Estrada, estamos em fase de ajustamentos com a referida autarquia. Temos em vista um melhor acolhimento, um espaço mais agradável e de renovadas instalações, o alargamento do horário de atendimento e o apelo, que desde já aqui fica, a novos voluntários para este serviço específico.

O nosso reconhecimento à C. M. de Águeda pela abertura e boa vontade que tem manifestado. A nossa alegria por melhor podermos servir os que mais precisam. 🌊

Bens doados em 2010

Na sequência desta boa notícia, queremos dar conta dos móveis, equipamentos e outros utensílios de uso doméstico que, passando pelas nossas mãos, foram ofertados às famílias carenciadas no ano passado: 9 camas; 13 colchões; 9 mesinhas de cabeceira; 3 cómodas; 6 guarda-fatos; 3 mesas de sala; 2 mesas de cozinha; 1 mobília de co-

zinha; 2 guarda-louças; 14 fogões; 1 grelha a gás; 2 frigoríficos; 1 esquentador; 1 máquina de lavar; 2 conjuntos de sofás; 2 sofás; 6 cadeiras; 2 cadeirões.

A todos os que partilharam, o nosso obrigado. 🌊

In “Mais Luz” - Águeda

Conselho Central de Braga

O Arciprestado de Vieira do Minho já tem o seu Conselho de Zona da S.S.V.P.

O Conselho Central de Braga vem, por este meio, partilhar com toda a família Vicentina de Portugal a enorme felicidade que este acontecimento nos proporcionou.

Foi no passado dia 21 de Maio pelas 16.00 horas, na Igreja Matriz de Vieira do Minho, num encontro que contou com presença da maior parte dos Vicentinos daquele Arciprestado e a Direcção do Conselho Central, que se concretizou este sonho.



Foi uma cerimónia simples mas carregada de simbologia, que começou com um cântico a Nossa Senhora seguida das orações vicentinas.

De imediato o Rev. Cónego Macedo, Conselheiro Espiritual do Conselho Central, brindou a Assembleia com uma reflexão muito rica, na qual explicou com a mestria que lhe é característica as origens da S.S.V.P. desde a sua fundação, o trajecto desta obra ao longo dos anos e a sua importância nos tempos de hoje.

De seguida, procedeu-se à renovação do compromisso por parte de todos os Vicentinos presentes, como forma de preparação para o acto de tomada de posse que foi presidido por José Silva

Magalhães, Presidente do Conselho Central de Braga.

Depois de lido o respectivo Auto de Posse que ficou registado no livro de actas, foram chamados a prestar o seu juramento através do compromisso Vicentino, os elementos da Mesa do novo Conselho de Zona de Vieira do Minho, pela ordem que a seguir se menciona:

Presidente, Manuel Joaquim Carneiro Gonçalves; **Vice-Presidente**, Maria Leonor Vilela Ribeiro Coelho; **Secretária**, Maria Celeste Pereira Rodrigues Gomes; **Tesoureira**, Maria Helena Vilela Ribeiro Coelho; **Vogal**, Elvira Carneiro Soares; **Conselheiro Espiritual**, Padre Luís Taborda Silva Jacome.

Terminada a cerimónia de tomada de posse, o Presidente do Conselho Central transmitiu aos elementos da Direcção do novo Conselho de Zona uma mensagem do Presidente Nacional que, carinhosamente, se quis associar a este acontecimento, tendo de seguida aproveitado para manifestar a sua gratidão pela disponibilidade desta equipa no fortalecimento da vida vicentina na Diocese de Braga, desejando-lhes ainda os maiores sucessos nesta nova caminhada.

Aproveitando a presença da Direcção do Conselho Central e com o objectivo de eliminar dúvidas naturais, uma vez que se trata de 4 Conferências relativamente novas, seguiu-se uma sessão de esclarecimento com muitas perguntas e respostas.

Os trabalhos foram encerrados por volta das 18.00 horas com as orações vicentinas. ☺

A Direcção do Conselho Central de Braga

Conselho Central de Leiria

Conferência realizou almoço-convívio para doentes e idosos da paróquia



Este ano, o almoço contou com cerca de duas centenas e meia de pessoas, incluindo algumas Autoridades. Foi precedido de uma missa e sucedido pelo concerto de Páscoa da Filarmónica das Cortes

No Domingo de Ramos, 17 de Abril, a Conferência de S. Vicente de Paulo das Cortes promoveu o seu habitual almoço anual para doentes e idosos da Paróquia.

Registando uma das maiores afluências – cerca de duas centenas e meia de pessoas –, este almoço contou naturalmente com a presença dos membros da Conferência das Cortes, presidida por João Vieira de Almeida, e com a do Pároco, Pe. Rui Ribeiro, e ainda com a de várias personalidades: Presidente da Câmara Municipal de Leiria, Dr. Raul Castro; Presidente da Junta de Freguesia das Cortes, Manuel Cruz; Presidente da Cáritas Diocesana, Dr. Júlio Martins; Presidente da Direcção da Assiste, Alberto Achan-do; membros do Conselho Central da Conferência da Diocese de Leiria-Fátima, presidida por Antó-

nio Bernardo Ferrão, das Fontes; Director do Jornal das Cortes, Rui Sá Pessoa; Presidente da Assembleia Geral da Filarmónica, Vítor Cordeiro Gonçalves; e Presidente da Filarmónica, Gabriel Vieira Pereira.

Todo o trabalho de confecção de comida e serviço às mesas foi assegurado pelos membros da Conferência e inúmeros amigos, particularmente jovens rapazes e raparigas que, nestas iniciativas, mostram toda a sua disponibilidade e empenho.

Antes do almoço, que teve início cerca das 13.00 horas no salão paroquial, uma boa parte dos presentes participou na missa celebrada na igreja às 11.30 horas. E depois, cerca das 16.00 horas, quem pôde ainda assistiu ao concerto da Páscoa realizado na igreja pela Filarmónica das Cortes. 🌐

In “Jornal das Cortes”

Conselho Central de Lisboa

Conselho de Zona de Alverca

Conferência Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos, da Ramada

Esta Conferência foi agraciada com a Medalha de Honra da Freguesia da Ramada e um Diploma, pelos serviços prestados em prol do desenvolvimento daquela Freguesia.

Transcreve-se a seguir os dizeres do referido Diploma:



*“A Assembleia e a Junta de Freguesia da Ramada decidiram atribuir à **Conferência Vicentina Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos** a Medalha de Honra da Freguesia da Ramada.*

Este galardão premeia pessoas singulares e colectivas e distingue o seu empenhamento e contributo para o desenvolvimento e progresso da Freguesia da Ramada.

Para que conste passa-se o presente diploma.

Ramada, 19 de Abril de 2011

O Presidente da Junta

A Presidente da Assembleia”



Os vicentinos portugueses, através do seu Boletim Nacional, felicitam esta Conferência pela merecida honra que lhe foi concedida e que deve reflectir a satisfação de todos nós. 🇵🇹

Conselho Central do Porto

CASA OZANAM

Em tempo Pascal deverá redobrar nos cristãos a esperança de uma vida renovada.

Em tempo Pascal deverão os vicentinos ser portadores de uma esperança nova nas suas acções e na sua postura na sociedade.

Em última análise sermos criativos ao jeito de Jesus Cristo e com a esperança de quem crê no Senhor da Vida, Ressuscitado.

A Casa Ozanam terá de ser ela mesma também espaço de esperança, de confiança e de Vida Ressuscitada em Jesus Cristo.

O Lar de Idosos Frederico Ozanam, que agora se vislumbra a sua conclusão (Verão de 2011), deverá ser um espaço onde o ideal vicentino se expandirá ligando-se sempre ao Tempo de Ressurreição do Senhor da Vida.

Por isso, é fundamental que todos os vicentinos sintam que o que está a nascer é fruto de muita generosidade e de muito amor de grande parte dos vicentinos, que têm consciência de que quem usufruir do Lar Frederico Ozanam irá viver em espaços onde a Ressurreição do Senhor estará patente no serviço a ser administrado.

Se fizermos uma visita ao que já está construído já se vislumbra os espaços onde irão decorrer as muitas acções próprias de um Lar de Idosos.

A recepção e os serviços administrativos; o gabinete médico e salas de actividades ocupacionais; refeitório, cozinha e lavandaria; espaços comuns, copas e quartos; enfim espaços amplos, novos e modernos.

Contudo, todas estas condições físicas próprias de um espaço altamente regulamentado, com directivas nacionais ou europeias; do ministério do trabalho ou da segurança social; só serão espaços coloridos se existirem corações humanos, que vibrem com o trabalho que realizam.

Por muita legislação e directivas que existam, que são obviamente necessárias, se não houver um coração humano e a presença do Senhor, torna-se deficitária a resposta que foi sonhada, assumida e que se quer complementada e concluída.

Poderemos então afirmar que a Casa Ozanam não é apenas obra do Conselho Central do Porto. É antes uma obra sonhada no Conselho Central do Porto, architectada e executada por muitos generosos vicentinos e amigos dos vicentinos.

Entendemos então que não podemos estar em presença apenas de umas tantas frias paredes, mas sim na presença de paredes erguidas com muito sacrifício e com muito amor vicentino, que se quer ao jeito do nosso fundador.

Ao sentirmos que estamos perto de concluir a segunda fase deste Complexo Social Vicentino, estamos certos que o coração humano estará presente e que o Cristo Ressuscita-

do habitará em todos os que lá habitarem. ☺

L. R.

In "Escalada"

PÁGINA DOS JOVENS

Caros Jovens Vicentinos,

No passado dia 8 de Abril realizou-se uma Vigília aberta a todos os vicentinos, organizada pelos jovens das nossas Conferências. Contou com a colaboração dos jovens das Conferências de Águas Santas, Carvalhido, Gueifães, S. Mamede de Infesta, Oliveira de Azeméis e Padrão da Légua e... foi um sucesso.



Os temas versados focaram as dificuldades que todos nós enfrentamos nas Conferências, desde a pobreza e as suas novas apresentações, a falta de disponibilidade, quer por motivos profissionais quer pessoais, com que todos os confrades têm de lidar, com grande incidência ao nível da camada mais jovem. Sem esquecer o tempo quaresmal

em que esta vigília foi realizada, como forma de reflexão para o novo ano e de entusiasmo para actividades futuras. Foi acompanhada com muita música e alegria.

Mais vigílias serão realizadas no futuro e espero ver novas caras. TODOS ESTÃO CONVIDADOS.

No dia 29 de Maio realizou-se um Encontro de Jovens, na Casa Ozanam, das 9.00 às 17.00 horas, que foi um momento de convívio, reflexão e partilha entre todos. Foram convidados todos os jovens a estarem presentes e a todos os menos jovens a incentivá-los a ir. ☺

Que Deus nos abençoe!

Raquel Silva

In "Escalada"



Conselho Central de Setúbal

Retiro Vicentino da Quaresma

Em conformidade com o que foi anunciado, este Conselho Central, promoveu no passado dia 26 de Fevereiro, o Retiro Vicentino, na Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Boa Viagem, Moita, orientado pelo Revº. Padre Manuel Nóbrega, da Congregação da Missão e Conselheiro Espiritual do Conselho Nacional da S.S.V.P.

Este Retiro teve uma larga representação de Vicentinos/Vicentinas da Diocese de Setúbal que, depois de uma breve saudação do Presidente deste Conselho Central, o Revº. Padre Manuel Nóbrega, procedeu à Oração da Manhã e, depois de um pequeno intervalo, apresentou o primeiro tema “Pobreza no Mundo – Erradicação da Pobreza”, com uma intervenção muito oportuna e, muito a propósito, fez uma referência ao pensamento de Vicente de Paulo, dizendo: evangelizar os Pobres não consiste unicamente em ensinar os mistérios necessários à salvação, mas em fazer as coisas preditas e prefiguradas pelos profetas, tornando eficaz o Evangelho. Que os Padres se dediquem ao cuidado dos Pobres pois foi isto o que fez Jesus Cristo e fizeram muitos santos que não apenas rezavam pelos Pobres, mas também os consolavam, socorriam e curavam. Não são nossos irmãos? E se os Padres os abandonam quem imaginais que os assista? De maneira que, se houver alguém entre nós que pense estar na Missão para Evangelizar os

Pobres e não para socorrê-los, para remediar as suas necessidades espirituais e não as temporais, respondo que devemos assisti-los de todas as maneiras, por nós e por outrem, se quisermos ouvir estas consoladoras palavras do soberano Juiz dos vivos e dos mortos: “Vinde benditos de meu Pai, possuí o Reino que foi preparado para vós, porque estivestes junto daqueles que sofrem”.

No momento próprio, foi o almoço, que proporcionou um convívio, com amizade e cheio de alegria e bem-estar.

Em referência ao segundo tema “Nas Pegadas do Santo da Caridade”, o Revº. Padre Manuel Nóbrega, depois de apresentar este tema, também com uma intervenção muito oportuna, dizendo: Irmãos que devemos fazer? (Act. 2,37). Vivemos numa sociedade que tem o prurido da eficácia: as pessoas são facilmente valorizadas por aquilo que fazem! Caímos, facilmente, na tentação de “contar os soldados”, sem ter presente o Pai do Céu, que é o Senhor da História?... Afinal onde está a nossa esperança? Será ela verdadeiramente “teológica”, isto é, posta definitivamente em Deus?

Este Retiro Vicentino, terminou com a celebração Eucarística; no final, todos os presentes foram convidados, para que este Retiro não terminasse ali, mas que continuasse, nas reuniões das Conferências da Diocese, através das leituras e reflexões dos temas apresentados. 